

AS CONFRARIAS OU OLHAR O PASSADO É DEFENDER A LIBERDADE NO PRESENTE*

Alexandre Figueirôa¹

Os séculos passam e a intolerância e o preconceito fomentados pelas religiões não desaparecem. Mudam de endereço, mas estão aí batendo à nossa porta. Este, sem dúvida, é o recado que nos passa o encenador Antonio Cadengue, ao trazer para os palcos, pela primeira vez, a peça *As Confrarias*, de Jorge Andrade. O espetáculo marca ainda o retorno da Companhia Teatro de Seraphim à cena teatral pernambucana e a retomada do projeto Trilogia Brasileira, que já apresentou *Senhora dos Afogados*, de Nelson Rodrigues e prevê também a montagem do texto *A Morta*, de Oswald de Andrade.

* Crítica publicada no blog Meros Espectadores, no Recife, em 13 de junho de 2013. Disponível em: <<http://merosespectadores.wordpress.com/2013/06/13/as-confrarias-ou-olhar-o-passado-e-defender-a-liberdade-no-presente-por-alexandre-figueiroa/>>.

¹ Graduação em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco (1984), Mestrado em Artes pela Universidade de São Paulo (1990) e Doutorado em Études Cinématographiques et Audiovisuels – Université de Paris III (Sorbonne-Nouvelle) (1999). Atualmente é Professor Adjunto do curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, crítico e pesquisador de cinema e teatro. Autor, entre outros, de *Cinema Pernambucano, uma História em Ciclos* (2000); *Barreto Júnior, o Rei da Chanchada* (2002); *O Teatro em Pernambuco* (2003); *A Onda do Jovem Cinema e sua Recepção na França* (2004) e *Transgressão em Três Atos, nos Abismos do Vivencial* (2011).



Gilson Paz. Foto Laryssa Moura



Não é de hoje que Cadengue demonstra ser um artista preocupado com a dramaturgia nacional no que ela pode contribuir para pensarmos o ser humano e a realidade brasileira a partir das manifestações simbólicas formadoras da nossa sociedade. As montagens de *Em Nome do Desejo*, de João Silvério Trevisan; *A Lira dos Vinte Anos*, de Paulo César Coutinho; *Sobrados e Mocambos*, de Hermilo Borba Filho; *O Alienista*, de Machado de Assis; entre outras, demonstram uma trajetória de questionamento sobre o sentido da arte, da política e da linguagem teatral naquilo que cada gesto e palavra colocada em cena pode provocar no espectador.

Ao se debruçar na obra de Jorge Andrade, o encenador pernambucano incorpora na sua investigação estética e ideológica um dos dramaturgos mais importantes do país, um autor que fala do homem no seu sentido histórico, explorando suas vivências e suas contradições. Em *As Confrarias*, cuja ação transcorre no final do século XVIII, no período da Inconfidência Mineira, em Vila Rica, ela se concretiza na figura de Marta, uma mulher que percorre quatro ordens religiosas na tentativa de sepultar



Gilson Paz. Foto Laryssa Moura



Lúcia Machado, Carlos Lira e Gilson Paz, no epílogo.
Foto Américo Nune



Roberto Brandao e Marinho Falcao.
Foto Americo Nunes

seu filho, morto por suspeita de conspiração. Os integrantes das ordens recusam o pedido de Marta, momento em que ela nos expõe os interesses econômicos, preconceitos e ressentimentos que evidenciam o pensamento conservador da sociedade colonial e da tirania imposta pela coroa portuguesa e Igreja Católica.

A peça de Jorge Andrade permite ainda a Cadengue explorar elementos que lhe são caros. O mais marcante na montagem é como a encenação privilegia as tensões barrocas sugeridas pelo texto. Cenário, figurino, movimentos, luzes e música, tudo é composto para realçar

uma teatralidade em que o mundo é visto como espetáculo e as dicotomias e ambiguidades exploradas são o impulso e a razão de sua existência. E esta escolha ganha ainda mais força quando o diretor ressalta o erotismo como ato de subversão política, como observa a pesquisadora Catarina Sant'Anna, no seu artigo de apresentação do espetáculo. Cadengue marca esse aspecto com um tratamento cênico contemporâneo, inspirado tanto na coreógrafa Pina Bausch quanto no fotógrafo Robert Mapplethorpe, ao introduzir a figura de um Anjo Negro – um ator afro-

descendente des-
pido, com asas ne-
gras – que surge em
cena para realçar os
componentes sexu-
ais da trama.

O personagem José, filho insepu-
to de Marta, encarna
outro elemento ao
qual Cadengue dedi-
ca sempre um olhar
atento: as possibili-
dades metalinguís-
ticas do ato cênico.
Apresentando-se
como um bufão ou
um jovem mochilei-
ro moderno, pronto
para ganhar a es-
trada, o ator aqui é
apresentado como
símbolo da liber-
dade de expressão,
da rebeldia e da ca-
pacidade de meta-
morfose tão cara ao
teatro, onde a vida
e a arte se confun-
dem. Representa
muito bem tal sen-
timento a bela cena
do espetáculo em
que José se trans-
forma no person-
agem Paulo de *Terra
em Transe*, filme de
Glauber Rocha, al-
guém que como ele
se confronta com
a necessidade de
entrelaçar poesia e
política para seguir
em frente.

O cuidado na
construção de um
espetáculo que se
desdobra em signi-



Alexsandro Marcos, Taveira Júnior, Ivo Barreto e Gilson Paz
Laryssa Moura



Rudimar Constâncio, Mauro Monezi, Marcelino Dias e Ricardo
Angeiras. Foto Laryssa Moura



Gilson Paz, Alexsandro Marcos e Ivo Barreto.
Foto Américo Nunes

ficados requer uma
complexa articu-
lação de concei-
tos e referências, sem
que essa articulação
escamoteie a essên-
cia dramática do
texto, algo em que
Cadengue mais uma
vez demonstra um
domínio absoluto.
O jogo teatral pro-
posto é finamente
arquitetado em cada
detalhe e o elenco
responde à altura
aos desafios da en-
cenação, faltando
apenas alguns ajus-
tes na projeção de
voz da personagem
Marta, vivida por
Lucia Machado, co-
produtora do espe-
táculo, e também de
Roberto Brandão
no papel de José.

No dia da es-
treia, um jovem
espectador pergun-
tava, após a apre-
sentação, se o que
As Confrarias trou-
xera à cena não se-
ria algo óbvio e já
sabido por todos.
Sim, talvez seja. No
entanto, os fatos re-
centes envolvendo
determinados seg-
mentos religiosos
da atualidade bra-
sileira demonstram
a necessidade de se
desnudar os ante-
cedentes históricos
de nossa sociedade,
de modo a entender





Roberto Brandao a esquerda. Foto Laryssa Moura

as raízes do retrocesso político e cultural revivido por esses grupos. Ninguém duvida dos horrores cometidos pelo nazismo, todavia, quantas e quantas obras de arte não trazem à tona as atrocidades do passado no impulso utópico de que isso possa ajudar para elas não ocorrerem outra vez?

Portanto, ver no palco, hoje, a peça de Jorge Andrade, escrita em 1969, no período mais vio-

lento do regime militar e que nunca ganhou uma montagem profissional, tem um valor simbólico inquestionável, e por esse empenho Lúcia Machado e a Companhia Teatro de Seraphim merecem o nosso reconhecimento. *As Confrarias* nos lembra que aqueles que continuam aliando a ambição pelo ouro ao falso puritanismo não hesitarão em deixar insepultos os defensores da liberdade do presente.



Alexsandro Marcos e Taveira Júnior.
Foto Laryssa Moura



Roberto Brandao. Foto Laryssa Moura